

Confiabilidade

Economia Brasil

Qualquer que seja o desfecho das medidas econômicas que o Governo vem adotando, e que venha ou não a ser editado qualquer pacote anti-inflacionário ou de qualquer outra natureza em matéria de política econômica, manda a verdade dos fatos que se constate o baixo grau de credibilidade pública que cerca a adoção e o anúncio de novas medidas econômicas da parte do Governo.

Pacotes de várias modalidades não têm faltado ao país neste ano crítico de 1983, culminando com a maxidesvalorização do cruzeiro que, acrescida das minidesvalorizações cambiais desde então, empurraram o cruzeiro para o valor mais baixo de sua história.

Há, entretanto, uma inegável sensação de cansaço na opinião pública diante das providências adotadas pelos mesmos personagens de sempre no panorama econômico-financeiro. O país padece de um certo ceticismo, fruto, talvez, da doença que os engenheiros classificam como "fadiga de material" que costuma atacar os bens materiais de uma organização, quando submetidos a longo período de desgaste.

É ilusão, entretanto, pugnar apenas por remanejamentos de nomes. O problema do país não é o de fazer operações plásticas e trocar A por B e X por Y. É toda uma expectativa nacional que está pessimista, o que é uma contradição dentro de um país que tem tudo para oferecer de otimismo, quando nada por sua imensa potencialidade, que poucos países do mundo têm o privilégio de poder apresentar.

Não obstante, essa potencialidade, essa grande juventude do país e a energia transbordante de sua gente, o Brasil está desanimado. Das elites à massa das grandes metrópoles perpassa, de modo geral, um sentimento de impotência diante de uma crise econômica que, em grande parte, é uma crise até benéfica, de crescimento econômico, mas que à quase totalidade da população parece como uma crise perversa, de terríveis consequências sociais.

Para sacudir o desânimo geral de produtores e consumidores, de médios e pequenos investidores, de trabalhadores e de donas-de-casa, há precisão de mais do que simples medidas eco-

nômicas anunciadas pelo Governo. É preciso maior grau de credibilidade e de confiabilidade da opinião pública na necessidade de novas medidas e no acerto de sua adoção. E na crença de sua implementação e de seus resultados.

Os mesmos personagens da cena econômica a fazerem as mesmas declarações e previsões certamente já cansaram o auditório. O Brasil é um país que convida à imaginação e que, sem pretender inovar radicalmente ou desprezar a experiência vivida da humanidade, tem muito o que oferecer de original na solução de suas crises econômicas. Mas esse potencial não tem sido explorado convenientemente. O Conselheiro Acácio ainda se ouve com sua voz forte nos conselhos econômicos. Há todo um ritual de pre-conceitos e de inibições diante de soluções novas e corajosas para uma crise econômica que carrega no seu ventre amargos frutos sociais.

Diante dessa incapacidade gerencial da crise, a resposta da opinião nacional só pode ser a apatia, a falta de confiança. Não se trata de um estado de espírito permanente e incapaz de ser revertido, mas de uma tendência dominante na sociedade brasileira de hoje, que não deve ser ignorada, sob o erro de se cometer crasso pecado político. Constatar a falta de confiança e de credibilidade popular nas medidas econômicas do Governo não é tarefa a se desempenhar com prazer sádico, mas uma constatação elementar da verdade, primeiro passo para se conseguir reerguer a credibilidade do Governo a níveis necessários para que, cumprindo sua missão constitucional, possa levar adiante um programa de restauração da economia e de solução de graves questões sociais que ainda aguardam a hora de sua redenção.

Antes de se imaginar pacotes, portanto, o dever número um da Administração Federal é prover recursos para elevar, rápida e consistentemente, o grau de sua própria confiabilidade perante a opinião pública; fator indispensável para o êxito de qualquer medida econômica, quando se conhece muito bem o grau de variação psicológica e emocional que está envolvido no problema inflacionário.